

## V Domingo da Quaresma (22/03/2026)

### O aroma da eternidade

Todo o coração humano anseia por viver para sempre e por alcançar uma existência plena. Ao mesmo tempo, todo o coração humano deseja uma vida de comunhão e de relação com os outros. O nosso coração aspira, portanto, a uma plenitude de vida marcada pela comunhão e pela partilha.

Contudo, este anseio de viver para sempre — em comunhão com os outros e na plenitude — é confrontado e aparentemente negado pela realidade mais dramática da nossa condição: a morte. É precisamente por causa da rutura que a morte introduz na existência que se torna tão difícil enfrentá-la.

A morte coloca-nos diante da possibilidade radical de deixar de existir. Como observa Emmanuel Levinas, a morte «aparece como a passagem do ser ao não-ser». Ela é também, segundo o filósofo, uma «partida para o desconhecido», uma «partida sem retorno», uma partida «sem deixar morada». Confrontar-se com a própria finitude — isto é, com a possibilidade de deixar de existir — revela-se, por isso, profundamente doloroso, podendo gerar angústia e desespero.

Por outro lado, a morte rompe igualmente a comunhão com os outros. Ainda segundo Levinas, naquele que morre encontramos «um rosto que se torna máscara»: deixa de ser uma presença que se dirige a nós e torna-se uma realidade que já não comunica. Por isso, afirma o filósofo, a morte manifesta-se como «o sem resposta». É nesse sentido que «a morte do outro me afeta mais do que a minha» e que «encontramos a morte no rosto de outrem». É por isso que Jesus, ao ver Maria e os judeus a chorar a morte de Lázaro, também chora (cf. Jo 11,35).

Esta experiência de rutura e de silêncio encontra eco na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. A poeta exprime o drama da perda quando escreve: «É difícil saber da tua morte / e não te esperar nunca mais nos espelhos da bruma». Diante da morte, a sua palavra assume frequentemente a forma de protesto: «Nunca mais servirei senhor que possa morrer» e «nunca mais amarei quem não possa viver / sempre». Contudo, no interior da sua poesia ressoa também a interrogação mais radical da condição humana: «Quem me consolará do meu corpo sepultado?».

Pressente-se, assim, na sua obra que, para que o frágil destino humano possa ter sentido, é necessária — nas palavras de Eduardo Lourenço — a «água da ressurreição». Por isso, no célebre poema Senhora da Rocha, a poeta proclama que «buscamos um deus que vença connosco a nossa morte».

A resposta à interrogação mais radical da condição humana encontra-se no Evangelho proclamado hoje, no qual Jesus Cristo se apresenta como «a ressurreição e a vida: quem crê em Mim, ainda que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em Mim não morrerá para sempre» (Jo 11,25-26).

A ressurreição de Lázaro constitui um sinal que aponta para o acontecimento pascal de Jesus. Com efeito, a ressurreição de Jesus não foi simplesmente um regresso da morte à vida biológica, como no caso de Lázaro – que voltou à vida para, posteriormente, tornar a morrer. Pelo contrário, a ressurreição de Cristo inaugura uma realidade absolutamente nova: a abertura de um mundo novo, marcado pela vitória definitiva da vida sobre a morte. A todos Jesus diz, como disse a Lázaro: «Sai para fora» – isto é, sai dos limites da morte e entra no horizonte da eternidade.

Neste sentido, a ressurreição de Jesus revela e anuncia a universalidade da vida nova que Deus oferece. Ela não diz respeito apenas ao destino singular de Cristo, mas constitui o princípio e a promessa de uma vida nova destinada a toda a humanidade. Assim, na ressurreição de Cristo manifesta-se a esperança cristã de que a morte não tem a última palavra, pois Deus abre ao ser humano o horizonte de uma vida plena e definitiva.

O nosso desejo de viver para sempre, em comunhão e plenitude, não é uma ilusão nem um anseio condenado a permanecer insatisfeito. Pelo contrário, já agora nos é dado participar, como centelha, nessa vida nova, pela presença do Espírito Santo no coração de cada um de nós, aguardando a sua plena consumação na glória. Já ressuscitámos com Cristo (cf. Cl 3,1), na esperança da plenitude na eternidade.

Por isso, somos chamados a viver na alegria serena da esperança, como quem já traz em si a semente da vida eterna, deixando transparecer, na própria vida, a luz da Ressurreição.

Ámen.

**P. Emanuel Brandão**